

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BEATRIZ FERREIRA DE CARVALHO

**A TEMÁTICA CAPACITISMO NA BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA E A INSERÇÃO
DESSA DISCUSSÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS POR INFLUENCIADORES COM
DEFICIÊNCIA**

CAMPINAS

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BEATRIZ FERREIRA DE CARVALHO

**A TEMÁTICA CAPACITISMO NA BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA E A INSERÇÃO
DESSA DISCUSSÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS POR INFLUENCIADORES COM
DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como um dos pré-requisitos para obtenção do diploma de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Régis Henrique dos Reis Silva.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C253t Carvalho, Beatriz Ferreira de, 1997-
A temática capacitismo na bibliografia acadêmica e a inserção dessa discussão nas mídias sociais por influenciadores com deficiência / Beatriz Ferreira de Carvalho. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Régis Henrique dos Reis Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Pessoas com deficiência. 2. Capacitismo. 3. Mídia social. I. Silva, Régis Henrique dos Reis, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Ivone Rodrigues dos Santos

Data de entrega do trabalho definitivo: 20-01-2021

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, pela aluna Beatriz Ferreira de Carvalho, para obtenção do diploma de Licenciatura em Pedagogia, e aprovado pelos avaliadores abaixo descritos.

Campinas, 20 de janeiro de 2021

Orientador

Prof. Dr. Régis Henrique dos Reis Silva

2ª Leitora

Doutoranda Ivone Rodrigues dos Santos

Dedico este trabalho aos meus alunos Luana, Gabriel e Christine que me instigaram a pesquisar e entender melhor a realidade das pessoas com deficiência, e me inspiram a educar pela inclusão, para fazer deste um mundo anti-capacitista.

Vocês podem tudo e, no que depender de mim, a sociedade não os dirá o contrário!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Nádía Ferreira de Carvalho e Benedito Luiz de Carvalho, por todo o suporte e incentivo que me deram em toda minha trajetória! Eu não tenho palavras para descrever o quanto são importantes para mim e como eu me sinto privilegiada por ser filha de vocês!

Em segundo agradeço à minha irmã Malena Ferreira de Carvalho por toda a parceria e paciência que teve comigo durante todos esses anos, principalmente neste último ano da graduação que não foi nada fácil. Seu incentivo me trouxe até aqui, muito obrigada!

Em terceiro lugar agradeço ao meu namorado Guilherme Savoia Stefani por trazer leveza aos meus dias e conseguir tirar a minha ansiedade, mesmo nos momentos mais caóticos!

Por fim, mas definitivamente não menos importante, agradeço ao meu Orientador Dr. Régis Henrique dos Reis Silva, por toda paciência e por ter me auxiliado de forma brilhante a desenvolver todo este trabalho, agradeço também à Ivone Rodrigues dos Santos por ter aceitado a tarefa de Segunda Leitora deste TCC, e às minhas colegas de Grupo de Pesquisa Ana Selma dos Santos Laurindo, Beatriz Rodrigues De Almeida, Erika Marinho Witeze, Larissa Ribeiro Claro Fausto e Marina Campos por todos os ensinamentos e trocas que tivemos ao longo destes meses, vocês são incríveis!

*Época triste a nossa, em que é mais fácil
quebrar um átomo do que um preconceito.*

Albert Einstein

RESUMO

Neste trabalho será traçada a trajetória histórica de discriminação das Pessoas com Deficiência, visando introduzir o conceito capacitismo, que será destrinchado, e a importância de sua definição. Para além de um levantamento bibliográfico sobre a temática, será descrita a observação de conteúdos postados por influenciadores com deficiência nas mídias sociais, a fim de verificar a narrativa destas pessoas sobre a vivência do capacitismo; e relacionar a produção de conteúdos sobre o tema na internet e a forma que ele vem sendo discutido pelo meio acadêmico. O presente estudo foi realizado sob os preceitos do referencial de pesquisa bibliográfica e também através de uma pesquisa documental.

Palavras chave: Pessoas com Deficiência (PCDs); Capacitismo; Mídias Sociais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DEFICIÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA	13
1.1 Lei Brasileira de Inclusão (LBI)	15
2. O QUE É CAPACITISMO?	15
3. A TEMÁTICA CAPACITISMO NA BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA	18
4. MÍDIAS SOCIAIS: CONCEITO E DEFINIÇÃO	23
4.1 Tipos de Mídias Sociais	24
4.2 A Temática Capacitismo nas Mídias Sociais	26
4.2.1 Conteúdos dos Perfis do Instagram	27
4.2.2 Conteúdos dos Canais do Youtube	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A discriminação por motivo de deficiência data dos primórdios da existência humana. Desde os povos nômades que quando precisavam encontrar novas terras para se estabelecer abandonavam, junto aos idosos e aos muito doentes, as pessoas que tinham alguma deficiência. (PACHECO; ALVES, 2007). Perpassando pelos povos da Grécia Antiga, onde, em Esparta, os bebês que nasciam com alguma característica fora do que era tido como ideal, eram mortos. Atravessando a Idade Média, onde quem possuía alguma deficiência era tido como impuro, pecador, e estava sujeito a todos os tipos de punição, inclusive a morte na fogueira, para salvação de sua alma. Passando pelo surgimento do Capitalismo, onde as pessoas que possuíam alguma deficiência eram tidas como não produtivas, sendo assim passíveis de descarte. (BIANCHETTI; CORREIA, 2020). Percorrendo o século XIX com seu dogma higienista, onde as pessoas com deficiência passavam por esterilizações compulsórias, quando não eram assassinadas pela busca da purificação da raça. Chegando até os dias atuais, onde todas essas formas de discriminação coexistem e nos acompanham, sendo fruto de nossa construção social, e as pessoas com deficiência continuam a sofrer simplesmente por existir.

O preconceito para com a pessoa com deficiência (PCD¹) está na falta de acesso à educação; está na premissa de que toda pessoa com deficiência precisa, e quer, ajuda; está na supervalorização de ações simples realizadas por uma PCD, taxando-a a todo momento como heroína; está no tratamento infantilizado dado a elas por profissionais da saúde; está na falta de acessibilidade em locais públicos e privados; está na invisibilidade, quando a todo momento pessoas se dirigem a seus acompanhantes para perguntar algo sobre elas; está nos olhares de estranhamento quando elas estão fora de casa; enfim, está em todos os momentos da vida da pessoa com deficiência².

Toda esta discriminação, todo este preconceito que vem enraizado na sociedade desde seu princípio, foi nomeado recentemente no Brasil como Capacitismo. Esta locução é a tradução livre da palavra *Ableism* (MELLO, 2016), termo em inglês que significa discriminação por motivo de deficiência (ABLEISM,

¹ A sigla PCD será utilizada ao longo de todo o texto para se referir à Pessoa com Deficiência

² Estes exemplos foram retirados de relatos apresentados através da hashtag #écapacitismo quando no Twitter

2020). A definição do vocábulo é tão recente que ele ainda não está presente nos dicionários de língua portuguesa, contudo ele já surge carregado de significados e dentro de uma luta histórica que anseia há muito ser ouvida.

Levando em conta a atualidade do termo e por corroborar com o entendimento de Anahi Mello (2016) de que é necessário conceituar o fenômeno para que ele seja visibilizado e as discussões em torno dele aconteçam, viemos por meio deste trabalho discutir de que modo o meio acadêmico brasileiro tem debatido o capacitismo e investigar como ele vem sendo abordado fora da academia, no âmbito das mídias sociais.

Grande parte do presente estudo foi realizada sob os preceitos do referencial de pesquisa bibliográfica, que consiste no exame da bibliografia já existente sobre o assunto. Esta metodologia tem por objetivo aproximar o pesquisador ao que já foi escrito sobre determinado tema e dar a ele condições de discorrer acerca da questão. (LAKATOS; MARCONI, 1992).

Primeiramente foi feita uma pesquisa exploratória sobre o capacitismo para entendimento geral do assunto e verificação do volume de material acadêmico já produzido sobre a temática. Neste trabalho, optamos por identificar e descrever apenas textos acadêmicos escritos em língua portuguesa, esta decisão foi tomada visando a observação de um retrato mais fiel da discussão do termo em nosso país.

Logo de início foi possível notar que, devido à recente definição do termo no Brasil, existiam poucas produções acadêmicas centradas nessa questão, o que impossibilitou que a coleta de dados fosse delimitada a uma única fonte.

O objetivo inicial era realizar o levantamento bibliográfico na base de dados de artigos e revistas acadêmicas Scielo, porém, ao efetuar a pesquisa nesta, a partir das palavras “capacitismo” e “capacitista”, foram encontrados apenas dois textos sobre a temática, quantidade que julgamos insuficiente para construção da discussão do trabalho. Assim, foi necessário buscar outras referências em outras fontes, como livros, revistas e anais de congressos.

Esse levantamento mais amplo, à procura de textos sobre o assunto publicados em outras fontes, foi realizado através do Google Acadêmico. As palavras chave utilizadas nesta busca foram as mesmas aplicadas anteriormente: “capacitismo” e “capacitista”. De início a plataforma apresentou 216 resultados para a consulta, porém, dentre eles existiam textos escritos em outras línguas além do português e também tinham aqueles que apenas citavam a palavra “capacitismo”,

sem tratar diretamente sobre o assunto. Após uma leitura exploratória do conteúdo encontrado e exclusão dos textos que não contribuiriam de forma efetiva para nosso trabalho, selecionamos 6 artigos para identificação e descrição da discussão do tema na bibliografia acadêmica.

Considerando a atualidade do assunto pesquisado, todos os textos consultados para realização da discussão sobre o tema capacitismo são datados da última década, entre 2011 e 2020.

Uma fração deste estudo foi desenvolvida através de uma pesquisa documental (LAKATOS; MARCONI, 1992), a partir da observação de vídeos postados em quatro perfis no Instagram e quatro canais no Youtube de influenciadores que possuem algum tipo de deficiência.

Os perfis de Instagram selecionados para descrição foram:

- @victordimarco - Do diretor, roteirista, ator e agora escritor Victor Di Marco, 24 anos
- @_anaclarabm - Da estudante de jornalismo, Youtuber³ e influenciadora digital⁴ Ana Clara Moniz, 20 anos
- @blogueirapcd - Da estudante de Ciências Sociais, Youtuber e produtora de conteúdos Alessandra Martins, 24 anos
- @_pequenalo - Da humorista, psicóloga de formação, TikToker⁵ e influenciadora digital Lorrane Silva, 24 anos

Os canais no Youtube selecionados para descrição foram:

- Vai uma mãozinha aí? - Da Youtuber, pesquisadora e influenciadora digital Mariana Torquato, 28 anos
- Diário de um autista - Do Youtuber, escritor, radialista, instrumentista e pós graduado em design gráfico e produção publicitária Marcos Petry, 24 anos
- Hawk - Do Youtuber, ilustrador e comunicador Hawk
- Isflocos - Do Youtuber, design gráfico por formação e influenciador digital Gabriel Isaac, 23 anos

³ Youtuber é quem produz conteúdo na plataforma do Youtube.

⁴ Influenciador Digital é uma pessoa que possui muitos seguidores em determinada Rede Social e se utiliza desta visibilidade para influenciar as pessoas à determinada conduta, seja social, profissional ou de consumo.

⁵ TikToker é quem produz conteúdo na plataforma do Tiktok.

Esta etapa do trabalho foi desenvolvida a fim de verificar quais as narrativas das pessoas com deficiência sobre o capacitismo e como elas vêm fomentando a discussão do tema nas mídias sociais.

No primeiro capítulo do desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso traçaremos a trajetória histórica de discriminação das pessoas com deficiência, evidenciando a existência de uma Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Em seguida conceituaremos o termo capacitismo, trazendo o entendimento de diversos autores sobre o vocábulo. Na terceira parte realizaremos a apresentação e descrição do levantamento bibliográfico realizado junto a produção acadêmica sobre o tema em estudo. No quarto tópico traremos uma conceituação de Mídias Sociais, destacando os diferentes tipos existentes, e realizaremos a discussão do capacitismo nessas mídias, descrevendo as páginas de alguns influenciadores digitais com deficiência, observando suas narrativas sobre a vivência sob este preconceito. Por fim, apresentaremos as considerações finais construídas com base no desenvolvimento da pesquisa.

1. DEFICIÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Traçar a trajetória das pessoas com deficiência na história da humanidade nos escancara uma existência pautada em preconceito, discriminação, intolerância e desamparo, a qual elas estavam (e infelizmente ainda estão) sujeitas.

A marginalização da pessoa com deficiência data desde a pré-história, onde povos nômades, ao partir à procura de um novo local de moradia, abandonavam, junto aos idosos e aos muito doentes, as pessoas com deficiência, muitas vezes por acreditar que as deficiências eram causadas por maus espíritos, ou era um castigo por pecados cometidos. Este entendimento trazia uma visão impura da deficiência e até punitivista, como se justificasse a ação discriminatória praticada. (PACHECO; ALVES, 2007).

Quando as sociedades se estabeleceram em locais fixos surgiram novas formas de opressão às pessoas com deficiência. Sem a existência da etimologia deficiente, as pessoas que eram diferentes do que era tido como normal eram denominadas monstros. Por despertarem medo, aflição, curiosidade e até admiração das outras pessoas, existem indícios da existência, desde o Egito Imperial, de espetáculos para exposição destes corpos vistos como bizarros, para entreter o público. Tal atividade perdurou até a Grécia Antiga e também ocorreu em Roma. (PICCOLO; MENDES, 2012).

Além dos shows, existem registros de outras atividades discriminatórias ocorridas nos povos da Grécia Antiga. Entre os espartanos, onde a dedicação maior do povo era a guerra, existia uma grande valorização da estética e da perfeição do corpo, então quando uma criança nascia e não se encaixava nos padrões físicos esperados, ela era morta. Já em Atenas, surge o paradigma do ócio, onde o corpo e a mente são dissociados: a vida digna do homem livre se voltava à contemplação, à filosofia; já o trabalhador braçal, que se utilizava do corpo (em sua maioria escravos), era considerado inferior.

Essa dicotomia entre corpo e mente é retirada do âmbito filosófico e inserida no campo da teologia com o surgimento e dominação dos dogmas judaico-cristãos, na Idade Média. O paradigma deixa de ser corpo e mente e passa a ser corpo e alma, onde o corpo é o templo do sagrado, a alma. Neste contexto, o corpo é o elemento profano e, quando ele nasce fora dos padrões da sociedade, esta condição é tida como um castigo por pecados cometidos, sendo assim passível de

punição. Para redenção deste pecado, toda forma de punição era aceita, desde o desprezo e a abstinência, até a autoflagelação e morte na fogueira da Inquisição.

Com o passar do tempo, um novo momento da sociedade trouxe outro olhar discriminatório às pessoas com deficiência. O Capitalismo trouxe em sua essência a ideia do corpo funcional, como uma máquina em funcionamento, que gera produção. A partir deste entendimento, quando um corpo nascia fora dos padrões ele era visto como disfuncional, não produtivo, por isso passível de descarte. Neste cenário restava às pessoas com deficiência o isolamento e a discriminação, porque, para a sociedade, elas eram tidas como inúteis. (BIANCHETTI; CORREIA, 2020).

No século XIX começa a ser construído o conceito de eugenia, que se pautava na crença de uma possível melhoria da raça humana, que aconteceria a partir de esterilizações forçadas ou até assassinato de pessoas que eram tidas como inferiores, anormais. (DIAS, 2013)

A forma mais radicalizada de eugenia estatal se deu no regime nazista com a promulgação, em 14 de julho de 1933, da lei de prevenção contra a “prole geneticamente doente” (Das Gesetz zur Verhütung erbkranken Nachwuchses, doravante GezVeN). Cerca de 260 mil pessoas, definidas como doentes físicas ou mentais foram esterilizadas. Posteriormente, dezenas de milhares destas pessoas foram assassinadas. (DIAS, 2013, p.01)

Mesmo entendendo que esta lei foi promulgada dentro de um estado de exceção⁶, é necessário salientar que as vítimas dessa decisão nunca foram indenizadas e só em 2007 que a lei foi revogada (DIAS, 2013). Este retrato histórico nos faz refletir como a discussão sobre a igualdade de direitos das pessoas com deficiência é incipiente e precisa ser enfatizada.

É importante frisar que as discriminações não deixaram de existir a partir do momento em que outra foi construída pela sociedade, elas coexistem e nos acompanham por toda a história sendo fruto de nossa construção social. Até os dias atuais PCDs sofrem preconceitos e discriminações simplesmente por existirem e, na maioria das vezes, quem promove a discriminação nem se dá conta de que está sendo preconceituoso.

⁶ Estado de Exceção: “representa a suspensão do Estado Democrático através do próprio direito, ou seja, por meio de leis constitucionais que preveem esta medida.” (ALVINO, 2019, n.p on-line).

1.1 Lei Brasileira de Inclusão (LBI)

No Brasil, tendo em vista a trajetória de discriminação sofrida pelas pessoas com deficiência, foi promulgada em 06 de julho de 2015 a Lei 13.146, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

A lei é a execução de um acordo internacional assinado pelo Brasil em 2007 na Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, onde nosso país se comprometeu a implementar medidas para efetivar os direitos lá garantidos. (ARAUJO, COSTA FILHO, 2015).

O estatuto se destina “a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. (BRASIL, 2015).

É curioso, e até mesmo um pouco preocupante, verificar que desde 2015 temos em nosso país uma legislação própria que assegura os direitos fundamentais das pessoas com deficiência, porém, até os dias atuais, seis anos após a promulgação da lei, ela ainda não é plenamente instituída.

A discussão acerca da discriminação e dos direitos das pessoas com deficiência parece avançada no papel, mas ainda é incipiente na prática, por isso a importância de se nomear este ato discriminatório e discutí-lo.

2. O QUE É CAPACITISMO?

Em 2010 Debora Diniz e Wederson Santos constataram que, até aquele momento, a língua portuguesa não tinha um termo, uma palavra, uma categoria analítica, que caracterizasse a discriminação por motivo de deficiência, diferente do que já se via para outros tipos de discriminação, como por raça (racismo) e por orientação sexual (homofobia). A partir desta observação eles refletiram sobre como a trajetória e as dificuldades das pessoas com deficiência são invisibilizadas, e como o discurso de incapacidade que paira sobre eles é pautado por uma lógica de normalidade imposta pela sociedade, reconhecendo assim uma grande complexidade para conceituar este fenômeno.

À luz desta discussão, e por acreditar que é necessário conceituar o fenômeno para dar visibilidade ao sofrimento causado pela discriminação por motivo

de deficiência, e à luta contra ela; e para dar início a uma discussão sobre a corponormatividade; Anahi Mello propôs, que “a exemplo de Portugal, passemos a adotar no Brasil a tradução de *ableism* para capacitismo na língua portuguesa” (2016, n.p on-line).

Após fazer uma análise etimológica e sintática da palavra *ableism*, Mello concluiu que o uso de sua tradução seja o mais apropriado “por ter a capacidade de neutralizar a palavra “capaz”, no sentido de *positividade* da deficiência, do mesmo modo que racismo vem de raça e sexismo, de sexo” (2016, n.p on-line).

Considerando toda a construção do termo feita até então, Mello conceitua o capacitismo como “um neologismo que sugere um afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (2016, n.p on-line), referenciando Dias (2013).

Assim, Dias (2013, p.05) também escreve que:

Segundo a CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, da ONU, esta discriminação pode ser definida “como qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável”. (ART 2º) (DIAS, 2013, p. 5).

Simplificando este entendimento, Carla Vendramin explica o capacitismo como “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes.” (VENDRAMIN, 2019, p.17). Ela prossegue dizendo que o capacitismo está relacionado à concepção de que os corpos com deficiência são insuficientes ou naturalmente não saudáveis. (Ibid, 2019)

Vendramin (2019, p.18) destaca que:

Muitas vezes o capacitismo está presente em situações sutis e subliminares, acionado pela repetição de um senso comum que imediatamente liga a imagem da pessoa com deficiência a alguma das variações dos estigmas construídos socialmente, aos quais se está habituado e, por isso, tendem a não serem percebidos e questionados. Porém, quando o capacitismo é óbvio e visível, ele declara uma outra coisa, ele mostra o quanto esse preconceito ainda é naturalizado como se fosse aceitável ou inevitável. (VENDRAMIN, 2019, p.18)

Ainda para Vendramin, a acessibilidade se divide em seis dimensões⁷ e o capacitismo se enquadra nas barreiras atitudinais, que são os “preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações ecoadas no comportamento da sociedade na relação com pessoas com deficiência.” (2019, p.19).

São atitudes capacitistas todas aquelas que discriminam, prejudgam, inferiorizam e privam de acesso às pessoas com deficiência. Os autores Denise Siqueira, Tarso Dornelles e Sabrina Assunção elencaram em seu texto “Experienciando Capacitismo: a vivência de três pessoas com deficiência” (2020) algumas condutas capacitistas vividas por eles, na cidade de Florianópolis/SC, por serem PCDs.

A primeira situação elencada foi sobre a falta de acessibilidade às praias da ilha de Florianópolis para pessoas com deficiência, que por si só já é uma conduta capacitista, porém o problema central descrito não foi esse. Ativistas da causa anti-capacitista, entre eles Tarso Dornelles e Denise Siqueira, lutaram insistentemente na prefeitura para que as praias da ilha fossem adaptadas para acesso de PCDs e, depois de muita solicitação, o poder público, em parceria com o setor privado, anunciou que faria a adaptação das praias para a acessibilidade, porém isso seria realizado em apenas 4 praias e nenhuma delas era localizada na ilha. Com essa conduta a prefeitura declarou, mesmo que sem intenção, que as pessoas com deficiência estavam oficialmente autorizadas a frequentar apenas 4 praias da região. Com esta decisão e nenhum plano para trazer a acessibilidade às demais praias da cidade, o Ministério Público interferiu e firmou um TAC (Termo de Ajuste de Conduta) com a prefeitura para que mais praias, inclusive as da ilha, fossem equipadas para acessibilidade. Contudo, a multa por não cumprimento da TAC é muito baixa em relação ao custo de equipar as praias, assim a situação, depois de toda esta mobilização, não mudou.

Outra situação capacitista elencada pelos autores discorre sobre a maneira que as pessoas com deficiência são tratadas dentro de grandes empresas e corporações. Eles pontuam que, a maioria das empresas, não contratam trabalhadores com deficiência para compor a chefia ou no corpo técnico empresarial

⁷ As seis dimensões são: “1) barreiras arquitetônicas (físicas); 2) barreiras comunicacionais (acesso à informação); 3) barreiras metodológicas (adequação de métodos e técnicas para o acesso de PCDs à educação, cultura e lazer); 4) barreiras instrumentais (adequação de ferramentas e utensílios); 5) barreiras programáticas (políticas públicas, legislações e normas); e 6) barreiras atitudinais.” (VENDRAMIN, 2019, p.19).

e, mesmo assim, se julgam capazes de desenvolver campanhas de acessibilidade, muitas vezes recordando atitudes assistencialistas em seu discurso. E mesmo que haja pessoas com deficiência nas empresas elas continuam não sendo ouvidas por serem julgadas inferiores e incapazes de desenvolver grandes atividades.

Por último destacaremos a narrativa sobre situações capacitistas vivenciadas por eles ao tentar fazer compras em lojas. Muitas vezes os vendedores, que não entendem praticamente nada sobre vivência com deficiência e acessibilidade, querem decidir pela PCD o que ela deve comprar, achando que entende mais sobre o assunto do que a própria pessoa. Tarso Dornelles passou por uma situação como essa ao tentar comprar uma Box TV e o vendedor, acreditando que a única forma dele utilizar o aparelho, por ter uma deficiência visual, seria por comando de voz, tentou de todas as formas convencê-lo de que ele não poderia comprar o produto, e se negando a ouvir a explicação de Tarso sobre como ele conseguiria utilizar a televisão. (SIQUEIRA; DORNELLES; ASSUNÇÃO, 2020)

Estes são só alguns exemplos de atitudes capacitistas que ocorrem diariamente, e muitas vezes somos nós que reproduzimos estas ações sem darmos conta do quão preconceituosos estamos sendo.

3. A TEMÁTICA CAPACITISMO NA BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA

Por ser um termo cunhado muito recentemente, a bibliografia centrada na temática do capacitismo não é muito extensa (foram selecionados 6 textos no total para discussão), e as obras existentes acabam se referenciando, não existindo muitas divergências de entendimento sobre o assunto. O que ocorre são diferentes abordagens do tema com o objetivo de construir narrativas de outros assuntos acerca do capacitismo e é sobre esta perspectiva que iremos apresentar a bibliografia identificada.

O primeiro texto acadêmico que apresenta o Capacitismo como categoria analítica data de 2013, e foi escrito por Anahi Guedes de Mello em conjunto com Felipe Fernandes e Miriam Pillar Gross. (MELLO; FERNANDES; GROSSI, 2013). Nele, o termo não é comentado ou explicado mais profundamente, pois não era o foco da publicação, mas aparece, junto das demais opressões sociais existentes, dando início a utilização e propagação do termo.

O segundo texto acadêmico que apresenta o termo Capacitismo, dentre os selecionados para análise, seguindo uma ordem cronológica de publicação, data também de 2013 e foi escrito por Adriana Dias. Este texto foi publicado nos Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência, que ocorreu em São Paulo, e tem como título “Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social”.

Neste artigo, Dias (2013) traça uma linha do tempo a partir do século XIX para investigar a formulação do discurso capacitista desde os ideais eugenistas, relacionando o desenvolvimento deste discurso a outras discriminações sociais como o racismo e o machismo. No texto a autora defende que as opressões sociais se relacionam e se intensificam, e que o eugenismo pautou o discurso discriminatório da sociedade por muito tempo, a partir de um ideal de “purificação” da raça humana.

Segundo Fiona Kumari Campbell o capacitismo está para o segmento da pessoa com deficiência o que o racismo significa para os afro-descendentes ou o machismo para as mulheres: vincula-se com a fabricação de poder (2001, 44). O tema deve ser problematizado partindo de um imaginário de padrão corporal normatizado: assim como as relações baseadas na raça (1972, 172), as relações baseadas na deficiência também são estruturadas: “com o apoio intencional ou não intencional de toda a cultura”. (apud DIAS, 2013, p.02).

A autora trata sobre o medo da anormalidade. No mundo em que todos buscam por um ideal inalcançável de normalidade, o corpo diferente, o corpo deficiente, se torna transgressor. Dias (2013, p. 09) escreve: “O medo da anormalidade passa a povoar as instituições de forma radical e as pessoas com deficiência, traduções deste horror, seriam objeto de uma construção coletiva, da grande narrativa capacitista”. O pavor do mundo se tornar deficiente, justifica barbaridades como esterilização em massa e homicídio. A partir desta presunção de ideal de normalidade são criadas formas de discriminação e elas são o capacitismo.

Adriana Dias (2013) fala sobre as falácias do mercado de trabalho para as pessoas com deficiência. Diariamente as pessoas com deficiência são cobradas a superarem suas deficiências sob um molde de normalidade, elas nunca são convidadas a trabalhar a partir de suas potencialidades. Este também é um pensamento de uma sociedade capacitista, onde há o entendimento de que as deficiências tem que ser superadas e é impossível conviver com elas. (DIAS, 2013).

O terceiro texto a ser analisado data de 2016 e foi escrito por Anahi Guedes de Mello. Seu título é “Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do comitê de ética em pesquisa da UFSC” e foi publicado na revista *Ciência & Saúde Coletiva*.

Na publicação a autora compara a heteronormatividade⁸ e a corponormatividade⁹, traçando um paralelo entre a discriminação sofrida pelas pessoas que não se encaixam nos paradigmas heterossexuais e a discriminação sofrida pelas pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Essa comparação a leva a perceber que até o momento em que o texto foi escrito não existia uma categorização da discriminação em relação às pessoas com deficiência. Então, ela propõe que seja adotado aqui no Brasil, da mesma forma que ocorreu em Portugal, a tradução da palavra *Ableism*, como Capacitismo, para caracterizar a discriminação por motivo de deficiência. Toda essa trajetória de conceituação foi feita para pautar o argumento de Anahi Mello de que o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEP/UFSC) possui posturas capacitistas em suas análises.

Mello (2016) descreve toda a sua trajetória de submissão de projeto de pesquisa à comissão ética, pontua atrasos no processo burocrático e, mais à frente, detalha as atitudes capacitistas tomadas pelo comitê de ética da UFSC para aprovação e liberação para que sua pesquisa pudesse ser realizada com seu público alvo, mulheres com deficiência. O questionário foi barrado duas vezes pelo comitê com a justificativa de “proteger as entrevistadas” e conotando uma ideia de que as mulheres com deficiência não seriam plenamente capazes de responder o questionário. Após muita revolta quanto às respostas dadas pelo comitê, e muita insistência na aprovação do questionário, ele foi liberado para aplicação, porém, neste momento, já era tarde demais, pois a pesquisadora já estava fora de campo.

O objetivo de Anahi Mello (2016) com este artigo era divulgar o termo capacitismo e seu conceito, para que as pessoas que o lessem pudessem entender o que é este preconceito e repensar suas práticas, e também para denunciar as atitudes discriminatórias advindas do Comitê de Ética em Pesquisa. (MELLO, 2016).

⁸ Heteronormatividade é o estigma de todos serem héteros e esta orientação sexual, junto com todas as convenções sociais deste grupo, ser vista como padrão; fazendo assim parecer com que não existam outras sexualidades ou que elas sejam erradas.

⁹ Corponormatividade é a definição de um formato de corpo como padrão, normalmente sendo este um corpo sem deficiência, provocando desta forma a exclusão e discriminação dos corpos que fogem à estas normas.

O quarto texto que será descrito também foi produzido por Anahi Guedes de Mello. Seu título é “Politizar a deficiência, aleijar o *queer*: algumas notas sobre a produção da hashtag #écapacitismoquando no facebook”, e sua publicação foi realizada em 2019. Este texto é um capítulo que compõe o livro “Desigualdades, Gêneros e Comunicação”.

Mello (2019) inicia a discussão dando um breve resumo sobre como foi organizada, e como se deu a mobilização ativista em celebração ao Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, pela *hashtag* #écapacitismoquando. Em seguida a autora conceitua o termo Capacitismo explicitando uma relação do termo com a Queerfobia, considerando que ambas são discriminações sofridas em relação ao corpo e por conta da narrativa da normatividade. Salienta que a luta contra as opressões sociais tem que ser unificadas, o anti-racismo, o anti-machismo, o anti-capacitismo, pois todas estão relacionadas, e defende que é necessário o *Queer* se identificar com a luta anti-capacitista para que todas as lutas sejam unificadas.

A teoria aleijada foi pensada principalmente para questionar a exclusão do capacitismo como matriz de discriminação interseccional nas teorias feministas e queer. Como ocorre com o termo estranho que vem do queer, as terminologias crip (em inglês) e aleijada (em português) têm uma conotação propositalmente agressiva, pejorativa e subversiva, a fim de marcar o compromisso aleijado em desenvolver uma analítica da normalização de corpos, a partir da crítica aos sistemas de opressão marcados pelo patriarcado, pela heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) e pela capacidade compulsória (MCRUER, 2006) que não questiona a naturalização e hierarquização das capacidades corporais humanas nos discursos, saberes e práticas sociais (GAVÉRIO, 2015; MELLO, 2018). (apud MELLO, 2019, p.133)

Na sequência, Anahi Mello (2019) relata sua trajetória no ativismo por pautas pelas pessoas com deficiência, de sua retirada do grupo parte do governo até seu retorno em um grupo de mobilização, e resgata relatos citados na *hashtag*¹⁰ #écapacitismoquando, frisando a importância das redes sociais para o movimento e também na vida das PCDs. Ela finaliza o texto retomando o conceito de Queer e correlacionando ele ao estranhamento do corpo com deficiência. (MELLO, 2019).

O quinto texto selecionado data de 2019. Seu título é “Repensando Mitos Contemporâneos: O Capacitismo” e foi escrito por Carla Vendramin. Este artigo foi

¹⁰ “Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em mídias sociais, inserindo o símbolo # antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.” (RESULTADOS DIGITAIS, 2020)

publicado nos Anais do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos - Sofia: Entre o Saber e o Não Saber nos Processos Artísticos”.

A autora já inicia o texto conceituando o termo capacitismo e salientando que, de todas as discriminações sociais, esta é a menos discutida, provavelmente pelo fato de ser pouco conhecida. Ela traz a discussão do capacitismo para o âmbito da normatividade corporal e indaga “que mitos sobre o corpo e direitos humanos se revelam na relação com o capacitismo? Como e o quanto estamos olhando para eles?” (VENDRAMIN, 2019, p.17).

Ela nos apresenta o conceito de bipedia compulsória, que nada mais é do que a construção do social e de todos os âmbitos da sociedade ser pautada na vivência das pessoas que não possuem deficiência. Ela diz que em decorrência disso as atitudes capacitistas estão presentes em todos os momentos, da forma mais sutil, mas ela frisa uma preocupação com o fato de que mesmo quando o capacitismo é escancarado ele ainda é relevado.

Vendramin destrincha os vários conceitos dentro da acessibilidade e ressalta a preocupação com uma possível estereotipação do termo. Ela também destaca o conceito de invisibilidade e hipervisibilidade, que operam como opostos complementares, onde em um a pessoa é deixada de lado, discriminada por sua deficiência, e no outro ela é resumida à sua deficiência e à incrível superação de viver com ela.

Depois a autora indaga como sua prática e a de colegas, como professores de dança, pode ser capacitista, mesmo sem essa intenção, e finaliza destacando a importância do repensar da rotina e do que habitualmente é óbvio. (VENDRAMIN, 2019).

O último texto a ser analisado foi publicado em 2020 e sua autora é Francine de Souza Dias. O título do artigo é “Covid(a) no Capacitismo nosso de cada dia” e ele foi publicado no livro “Diálogos sobre acessibilidade, inclusão e distanciamento social: territórios existenciais na pandemia”.

A autora inicia o texto metaforizando o Covid 19 como se ele fosse uma lupa, que amplia e escancara em nossos olhos o capacitismo existente em nossa sociedade. A cada dia que passa fica mais nítido o quanto as pessoas com deficiência são discriminadas e estão desamparadas em nossa sociedade. E não foi só o Capacitismo que ficou em evidência durante este período de pandemia, o racismo, a gordofobia, o machismo e a misoginia também ganharam destaque nas

manchetes e estatísticas. A forma com que a doença afetou a sociedade, desmascarou as desigualdades e os preconceitos existentes. No momento em que temos que escolher quem entuba e quem morre, as prioridades ficam escancaradas. (DIAS, 2020).

4. MÍDIAS SOCIAIS: CONCEITO E DEFINIÇÃO

A maior rede de comunicação criada pelo homem surgiu do desenvolvimento de ferramentas e códigos para a circulação de informações no meio militar. Por isso, a 2ª Guerra Mundial é considerada o marco inicial para a chamada Sociedade da Informação em que vivemos hoje. (FERREIRA, 2017, p.142).

Desde sua criação, a internet evoluiu muito em questão de velocidade, acessibilidade e forma de utilização. Foi na década de 70 que surgiram os primeiros computadores individuais, dando espaço a uma ressignificação do uso da internet e revolucionando a sociedade, até alcançarmos a era digital. (FERREIRA, 2017).

Para Ferreira (2017, p.143):

A popularização da internet há aproximadamente duas décadas, aliada à facilidade e agilidade de acesso às informações, foi um fator de extrema importância para o avanço dessa tecnologia, sendo ela um meio democrático e interativo que permite a comunicação entre pessoas de várias culturas, a qualquer hora e sem limites geográficos. (FERREIRA, 2017, p.143).

A partir desta democratização de acesso e o surgimento de uma nova relação entre os usuários, os serviços ofertados e a comunicação online, a internet se tornou uma nova mídia de massa. (FERREIRA, 2017).

Neste contexto se originam as primeiras Mídias Sociais, que são espaços, na internet, para produção e compartilhamento de conteúdos, visando uma ação colaborativa e interação entre pessoas. Elas não são necessariamente Redes Sociais, pois o compartilhamento de conteúdos não está condicionado à relação social, comunicação entre pessoas, ele apenas proporciona isto como resultado. (CLEMENTI, SANTOS, FREIRE, BASTOS, 2017).

As Mídias Sociais chegaram para desbancar as mídias tradicionais no âmbito de *marketing* e relações sociais. Por serem ferramentas muito mais acessíveis, de fácil compreensão, baratas, e por proporcionarem a interação entre pessoas, elas se destacam e ganham público com facilidade. (PIRES, 2019)

4.1 Tipos de Mídias Sociais

Neste tópico trarei uma breve descrição de algumas mídias sociais existentes, que estão em alta na atualidade, objetivando uma maior contextualização sobre o assunto.

- Facebook

É uma Rede Social para compartilhamento de textos, fotos, links e vídeos, e que permite troca de mensagens entre os usuários.

Ele foi lançado em 2004 como uma rede de relacionamento entre universitários americanos e, por ambição de seu fundador Mark Zuckerberg em desenvolver uma plataforma que compreendesse a totalidade da relação social entre pessoas, alcançou seu auge e hoje é a maior e mais acessada Rede Social do mundo.

Em um perfil no Facebook é possível postar textos, fotos, vídeos sem limitação de tamanho, links, GIFs e produtos para venda (existe um campo exclusivo na plataforma para compra e venda). É possível também realizar transmissões ao vivo, criar bate-papos em vídeo e também por mensagem escrita, e postar Stories (que é uma ferramenta onde você pode postar fotos ou vídeos que ficam disponíveis para acesso por 24h).

Uma funcionalidade que destacou o Facebook e o fez alcançar seu patamar atual de utilização é o Feed de Notícias, espaço em que são divulgadas, em ordem cronológica, as postagens de seus amigos, páginas que você segue e seus grupos.

Estas são funções que também valorizam a rede social, a possibilidade de formar grupos (abertos ou fechados), mais exclusivos, reunindo pessoas com interesses em comum; e criar páginas abertas sobre qualquer assunto.

- Twitter

É uma Rede Social que funciona como um Microblog e permite compartilhamento de textos curtos para comunicação em tempo real.

Fundada em 2006, a ideia da plataforma era relacionar atualizações de status breves, de no máximo 140 caracteres, em ordem cronológica. Hoje, o limite de caracteres por postagem na Rede Social é de 280, mas esta alteração não impactou em seu uso. Além de textos, também é possível compartilhar fotos nesta rede, mesmo este não sendo seu enfoque.

Nos textos publicados é possível adicionar hashtags, formando uma rede de comunicação entre as postagens sobre a mesma temática.

A plataforma contabiliza as postagens e produz um *Trending Topics* dos assuntos mais comentados no momento, e esta lista é atualizada em tempo real.

Pela velocidade de compartilhamento na rede, o Twitter se tornou um ótimo meio de divulgação de notícias, sendo utilizado por muitos jornais e páginas de notícias como plataforma de publicação.

Também é possível trocar mensagens com outros usuários na Rede Social. Isso pode ser feito por meio do *Feed* geral, pelas menções, ou através de mensagens privadas.

- TikTok

É uma Rede Social de compartilhamento de vídeos curtos. Nela você pode criar dublagens, acelerar e pausar a gravação, e fazer edições nos vídeos, como inserir figuras e filtros.

Em sua página inicial são disponibilizados os vídeos de quem você segue e também vídeos que a plataforma julga que possam ser de seu interesse.

É possível curtir e comentar as publicações de outros perfis e também abrir bate-papos privados com outros usuários.

- Youtube

É uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos de quaisquer tamanhos, com apenas esta funcionalidade central. Todos os vídeos postados ficam salvos no Canal (página) que efetuou a publicação.

Além da postagem de vídeos prontos, a plataforma também aceita a realização de transmissões ao vivo.

É possível comentar as publicações nas páginas e também se cadastrar nos Canais de outras pessoas para receber notificações quando vídeos novos forem postados.

Você não necessariamente tem que possuir um canal e realizar postagens para se cadastrar na plataforma, você pode apenas acompanhar o conteúdo de outras pessoas

- Instagram

É uma Mídia Social muito dinâmica, destinada ao compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, além de permitir a troca de mensagens.

Existem 4 maneiras de publicar conteúdos no Instagram:

- Postagem no Feed: a primeira funcionalidade desenvolvida pela plataforma, onde você pode postar fotos ou vídeos curtos que ficam salvos em seu perfil. É possível realizar edições nas imagens antes da postagem e também adicionar legendas;
- Stories: É uma ferramenta onde você também pode postar fotos ou vídeos, mas eles não ficam salvos em seu perfil e ficam disponíveis para acesso por apenas 24h. Também é possível editar as fotos nesta função, podendo utilizar filtros, escrever na imagem e colar GIFs ou figurinhas antes da postagem;
- IGTV (Instagram TV): É a ferramenta que mais se assemelha ao Youtube, nela você pode postar vídeos longos e normalmente é por ela que são tratados os assuntos mais sérios e complexos;
- Reels: É a funcionalidade mais atual da plataforma, nela você pode postar vídeos curtos, de até 10 segundos, e normalmente é utilizada para vídeos dinâmicos, de humor, com música ou pequenos desafios.

É possível curtir e comentar as publicações feitas, de modo público, e também abrir bate-papos privados com outros perfis.

Como no Facebook, o Instagram também possui uma função de compra e venda na plataforma, para facilitar o comércio por meio da Mídia Social.

4.2 A Temática Capacitismo nas Mídias Sociais

A primeira grande manifestação a respeito do capacitismo nas mídias sociais aconteceu em 2016, a partir de uma ação coletiva ciberativista, que organizou uma manifestação digital para marcar o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. O movimento aconteceu no Facebook e no Twitter e promoveu a disseminação da hashtag #ÉCapacitismoQuando, com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre a

nova categoria de discriminação e elucidar quais situações vividas pelas pessoas com deficiência são consideradas capacitistas. (MELLO, 2019)

A partir do sucesso da manifestação, as pessoas com deficiência começaram a ver nas mídias sociais um espaço para externar suas angústias e serem ouvidas. Começaram a surgir canais no Youtube e perfis no Instagram onde pessoas que vivem com algum tipo de deficiência passaram a produzir conteúdos e discutir temas pertinentes à luta por visibilidade e contra a discriminação por motivo de deficiência, reivindicando a normalização de seus corpos.

Foram selecionados para descrição quatro perfis do Instagram e quatro canais do Youtube, que fazem parte desta dinâmica de discussão sobre o capacitismo, com o propósito de examinarmos quem são estes influenciadores e de que forma eles têm abordado o tema em suas redes. Optamos por selecionar apenas quatro perfis em cada mídia social por uma questão logística para realização do trabalho.

O período de acompanhamento das páginas foi de quatro meses, entre setembro e dezembro de 2020. Por se tratar de um ano atípico, onde vivenciamos uma pandemia e ficamos isolados em casa quase o ano todo, as publicações nas páginas não seguiram uma constância, tendo alguns perfis produzido muito mais que outros.

No Youtube, serão observados todos os vídeos postados, no período pré determinado, pelos canais selecionados. Já no Instagram, considerando os conteúdos produzidos em cada uma das funcionalidades, e a maneira que eles são disponibilizados, optamos por acompanhar e descrever apenas as publicações postadas nos IGTVs e nos Reels de cada perfil.

Vale ressaltar que o Instagram e o Youtube são duas Mídias Sociais bem distintas, com maneiras e dinâmicas de trabalho bem diferentes, por este motivo há um contraste bem grande entre os conteúdos produzidos em cada uma das plataformas.

4.2.1 Conteúdos dos Perfis do Instagram

O primeiro perfil selecionado para descrição é o @_anaclarabm. Este é o Instagram de Ana Clara Moniz, jovem de 20 anos, moradora da cidade de Campinas, estudante de jornalismo, Youtuber e agora influenciadora digital.

Ana Clara nasceu com Atrofia Muscular Espinhal (AME), o que faz com que ela não tenha força suficiente para se manter em pé, sentada, ou realizar tarefas que demandem muito esforço muscular. Por ser uma jovem com deficiência e cadeirante, Ana decidiu em 2018 criar um canal no Youtube para compartilhar sua vivência como pessoa com deficiência e falar algumas verdades sobre o preconceito que as PCDs sofrem em nossa sociedade. Ela acabou não se adaptando muito bem ao formato do Youtube e acabou por deixar a plataforma um pouco de lado.

Foi em fevereiro de 2020, pouco antes do início do isolamento social, que Ana decidiu começar a produzir conteúdo para o Instagram e atualmente já conta com 25,8 mil seguidores em sua página. Agora em uma plataforma digital mais dinâmica e próxima de seus seguidores, Ana Clara compartilha sua rotina por stories e retomou a ideia de fazer vídeos conscientizando seu público sobre a realidade da vida de pessoas com deficiência. Ela produz vídeos sobre diversos assuntos, como inclusão, autonomia PCD e capacitismo, sempre à luz de sua própria vivência e com um tom descontraído e paciente.

Entre os meses de setembro e dezembro de 2020, Ana Clara postou um total de 9 vídeos em seu IGTV e 14 vídeos em seu Reels. Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
IGTV	9	7	<ul style="list-style-type: none"> - Aula de Yoga para todos (Live) - Onde estamos na sua diversidade? - Autonomia e Liberdade de escolha - Dia Nacional da luta das Pessoas com Deficiências - esClarecendo: Escolas Especiais? - Não é por eu ser uma pessoa com deficiência que - O ano não anula sua competência
			<ul style="list-style-type: none"> - Seu novo normal nos inclui? - Pensando no rolê que me chamaram

Reels	14	9	<ul style="list-style-type: none"> - Sobre o plano de ensino de Escola Especial - Quando pedem a comprovação que eu tenho uma deficiência - Filmes e séries sobre pessoas com deficiência: Não Capactistas - Capacitismo? Supere - Legende seus Stories! - Vem comigo deixar seu instagram mais acessível! - Se você acha que eu fui chata este ano por conta de suas atitudes capacitistas
-------	----	---	--

O segundo perfil a ser descrito é: @blogueirapcd. Este é o Instagram de Alessandra Martins, que se autodenomina Blogueira Preta com Deficiência, jovem de 24 anos, moradora da periferia da cidade do Rio de Janeiro, estudante de Ciências Sociais, pesquisadora e produtora de conteúdo.

Alessandra sofreu uma amputação transtibial na perna esquerda (teve parte do membro retirada) em decorrência de um acidente de ônibus. Assim que se viu como pessoa com deficiência, começou a perceber e se incomodou muito com a condição de invisibilidade da classe e com toda a discriminação sofrida diariamente. Foi a partir deste incômodo que Lele (apelido carinhoso dado por seus seguidores) começou a produzir conteúdo para as mídias sociais. Ela divide seu dia a dia com os seguidores, que já são 25,9 mil pessoas, fala sobre empoderamento feminino, aceitação do próprio corpo, discriminação por raça e por motivo de deficiência, e reivindica que a luta anticapacitista também tem que ser antirracista.

No período de acompanhamento da página para realização do trabalho, Alessandra postou um total de 4 vídeos em seu IGTV e 44 vídeos em seu Reels. Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
IGTV	4	2	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista para a @recordtvrio - Trança e Fala: Dor não é a minha única narrativa

Reels	44	9	<ul style="list-style-type: none"> - Você devia ter vergonha do seu corpo! - Pessoa olhando pra minha prótese - É capacitismo... - 21 de setembro - Por que ser contra a nova política de educação especial? - “Você é linda mesmo sendo negra e com a perna amputada” - 3 de Dezembro - As pessoas falando pra eu esconder minha deficiência - Qual o termo correto?
-------	----	---	--

O terceiro perfil selecionado é o @_pequenalo. Este é o Instagram de Lorrane Silva, jovem de 25 anos, moradora de Uberaba, psicóloga de formação e a humorista de maior destaque do ano nas redes sociais. Ela começou no TikTok fazendo vídeos curtos de humor e ganhou tanta visibilidade que dominou também o Instagram, e já conta com 2,4 milhões de seguidores em seu perfil.

Lorrane nasceu com os membros encurtados por conta de uma síndrome até hoje não identificada. Ela andou normalmente até os onze anos e depois de algumas complicações e cirurgias, agora precisa do auxílio de muletas, ou sua scooter, para se locomover.

Conhecida como Pequena Lo, ela rejeita qualquer discurso de superação que diga que usou do humor para superar desafios. Declara que sempre foi assim, extrovertida, engraçada, e que o bom humor faz parte dela. A sua maior preocupação com seus vídeos é mostrar para as pessoas com deficiência que elas têm espaço, que elas são sim capazes.

Nos quatro meses de investigação, Lorrane postou 2 vídeos em seu IGTV e 221 vídeos em seu Reels. A maioria dos vídeos era de humor, conteúdo foco de sua página; também foram feitas propagandas de marcas que a contrataram para marketing digital; e foi realizada uma live de conscientização sobre o outubro rosa, na qual ela convidou uma médica para falar sobre o assunto. Nenhum dos vídeos postados no perfil tratava diretamente da temática capacitismo, ela trata sua

deficiência com muita naturalidade e não coloca seu corpo como foco de suas publicações.

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
IGTV	2	-	-
Reels	221	-	-

O quarto e último perfil a ser descrito é o @victordimarco. Este é o Instagram de Victor Di Marco, jovem de 24 anos, morador de Porto Alegre, diretor, roteirista, ator e agora escritor.

Victor possui distonia generalizada, distúrbio neurológico que provoca movimentos involuntários dos músculos de todo seu corpo. Sua deficiência é silenciosa e muitas vezes só é notada através de sua fala pausada, porém, isso não fez com que ele sofresse menos discriminação em sua vida. Por conviver com preconceitos e estigmas desde muito novo, Victor procura, através de sua arte, retratar as vivências e as mazelas da vida das pessoas com deficiência.

Cineasta, este ano ele lançou um curta metragem chamado “O que pode um corpo?” no qual é diretor e ator. Foi por conta do lançamento de seu curta que começou a produzir conteúdo para o Instagram, para gerar engajamento em sua estreia. Contudo, ao começar a produzir os vídeos em sua página e ver o alcance e a devolutiva do público quanto a eles, Victor encontrou no Instagram uma nova vitrine para expor seu trabalho e suas ideias. Para a rede social ele produz vídeos muito didáticos sobre preconceito, inclusão, capacitismo em suas diferentes formas, e com isto ele pretende expor para as pessoas os percalços e a luta das pessoas com deficiência.

Entre setembro e dezembro de 2020 Victor postou 22 vídeos em seu IGTV e 8 vídeos em seu Reels. Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
			- Religião e Deficiência - Setembro Verde

IGTV	22	18	<ul style="list-style-type: none"> - Deficiência e Solidão - Passabilidade - Expressões Capacitistas - Def Splaining - Eu Respondo? EP#1 - Educação Especial para quem? - Bate Papo com Lorena Eltz (Live) - Eu Respondo? EP#2 - Convenção das Bruxas: Filme Capacitista? - Rua pra quem? - Live com a Manu (Live) - Dia 3 de Dezembro: Dia de? - Deficiência e Capitalismo - Deficiência e o Tempo - Cuidado de uma PCD: Qual limite? - Criar crianças anti capacitistas
Reels	8	4	<ul style="list-style-type: none"> - Me candidatei pra uma vaga PCD - Superar uma deficiência? - Escolhendo um filme - Você sabe o que é distonia?

4.2.2 Conteúdos dos Canais do Youtube

O primeiro Canal do Youtube a ser descrito é o “Vai uma mãozinha aí?”. Esta é a página de Mariana Torquato, jovem de 28 anos, moradora de Florianópolis, pesquisadora, Youtuber e influenciadora digital.

Mariana nasceu sem o antebraço esquerdo e não se sabe ao certo o motivo, pode ser algum remédio que sua mãe tomou durante a gestação ou só um acaso que gerou a má formação do membro. A jovem diz que criou o canal, lá em 2015, para mostrar aos outros que também possuem uma deficiência que está tudo bem ser do jeito que é, e a mensagem principal que ela quer passar a seus seguidores é que pessoas com deficiência não precisam de ajuda, elas precisam de respeito,

inclusão e representatividade. Hoje sua página acumula mais de 162 mil inscritos e é tido como o maior canal sobre pessoas com deficiência no Brasil.

Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados entre setembro e dezembro de 2020:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
Youtube	5	5	- PCDs e a Invisibilidade nossa de cada dia - Meu corpo não está na moda. E o seu? - Volta da Escola Especial: quem ganha com isso? - Por que é tão difícil aceitar uma deficiência? *minha história* - O que pode um corpo? Com Pequena Lo e Hawk #conversasqueimportam (Live)

O segundo canal selecionado para descrição é o “Hawk”. Este é o perfil de Hawk, jovem de vinte e poucos anos, morador de Ipiaú, pequena cidade do interior da Bahia, Youtuber, ilustrador e comunicador.

Hawk é portador de uma deficiência física, mas não foca apenas nesse assunto em seu canal. O objetivo dele com suas postagens é entreter seus seguidores de forma leve e engraçada. São poucos os vídeos do canal que ele aborda sua condição física como temática, mas ele não deixa de falar sobre a realidade das PCDs no Brasil. Seu intuito é que as pessoas consumam seus vídeos por seu conteúdo e não por ele ser uma pessoa com deficiência.

Entre setembro e dezembro de 2020, período de acompanhamento do canal para realização do trabalho, Hawk não postou nenhum vídeo com a temática capacitismo, todos focaram no humor e entretenimento, pilar central de seu conteúdo.

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
Youtube	22	-	-

O terceiro canal a ser descrito é o “Diário de um autista”. Esta é a página de Marcos Petry, jovem de 26 anos, morador de Santa Catarina, pós-graduado em design gráfico e produção publicitária, Youtuber, escritor, palestrante e produtor de conteúdo.

Marcos é portador de uma lesão cerebral, causada por uma desidratação profunda logo após seu nascimento, e é autista. Ele criou seu canal em 2015 com o intuito de falar com famílias que possuem filhos autistas, ou dialogar diretamente com as pessoas que estão no mesmo espectro que ele, para ajudá-las a conviver com o diagnóstico e também espalhar a mensagem de que ser diferente é normal. Hoje seu canal possui mais de 142 mil inscritos e é um dos maiores canais brasileiros voltados a pessoas com deficiência. Petry é fluente em português, inglês e espanhol, e se utiliza destes saberes em seu canal, postando vídeos nas diferentes línguas. Quando julga a temática relevante, ele posta três vídeos, falando sobre o mesmo tema, apenas alterando a língua falada.

Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados entre setembro e dezembro de 2020:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
Youtube	22	8	<ul style="list-style-type: none"> - Seja energia em uma vida - Autistas Inflexíveis? - Autistas Inflexibles? - Inflexibility - Mês internacional PCD - Incluir ou Excluir? - Esteriotipia X Funcionalidade - Sobre o Capacitismo

O quarto e último canal a ser descrito é o “Isflocos”. Este é o perfil de Gabriel Isaac, jovem de 23 anos, morador de Goiânia, design gráfico por formação, Youtuber e influenciador digital.

Gabriel é surdo, ele perdeu a audição aos 6 meses de vida por conta de uma infecção grave nos rins. Filho de pais surdos, sua condição não foi uma grande questão em sua vida. Só aos 13 anos ele começou a entender as dificuldades que as pessoas surdas enfrentam na sociedade e resolveu criar seu canal no Youtube,

isso no ano de 2008. Ele postou apenas um vídeo e abandonou o canal por muito tempo. Voltou 7 anos depois e manteve o canal com algumas publicações esporádicas. Neste ano de 2020 ele se engajou mais na produção de conteúdo e manteve um ritmo maior de postagem.

O objetivo de Gabriel com o canal é produzir conteúdo para pessoas surdas, mas também dialogar com pessoas ouvintes para que elas compreendam a realidade das pessoas não ouvintes em nosso país. Hoje, o canal Isflocos conta com mais de 27 mil inscritos.

Segue tabela com detalhamento dos conteúdos postados entre setembro e dezembro de 2020:

	Nº total de vídeos postados	Nº de vídeos voltados à temática capacitista	Títulos dos vídeos voltados à temática capacitista
Youtube	10	4	<ul style="list-style-type: none"> - Surdos não precisam ser valorizados? - Isflocos no ar: Dia do Surdo 2020 (Live) - Isflocos no ar: Representatividade Jovem e Consciência Negra (Live) - Isflocos no ar: Representatividade importa - PCD (Live)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os povos nômades, passando por vários contextos históricos, pelo surgimento do Capitalismo, percorrendo todo o século XIX com seu dogma higienista, até chegar aos dias atuais, a discriminação por motivo de deficiência existe, tendo as mais variadas motivações. Todas as formas desta discriminação, que é fruto de nossa construção social, coexistem e nos acompanham, fazendo com que as pessoas com deficiência continuem a sofrer preconceito simplesmente por existir.

Toda esta discriminação pura e simplesmente por motivo de deficiência foi nomeada recentemente no Brasil como Capacitismo. Alguns conceitos apresentados para o termo são: “um neologismo que sugere um afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (MELLO, 2016, n.p on-line), e “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes.” (VENDRAMIN, 2019, p.17).

A partir deste conceito foi realizado um levantamento bibliográfico, onde foi possível identificar que a literatura acerca do tema ainda está sendo construída, mas já possui textos consistentes e com temáticas importantes acerca da discriminação das pessoas com deficiência. Em todos os textos analisados, não houve nenhuma discordância entre os autores sobre a conceituação do novo termo, porém cada um levou à definição seu entendimento para uma discussão distinta.

Dias (2013) trouxe a discussão da Eugenia do século XIX e como este ideal ajudou a construir os preceitos capacitistas, ela também defendeu que as outras discriminações sociais estão ligadas a estes preceitos.

Mello (2016) trouxe primeiramente uma denúncia sobre a conduta capacitista adotada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEP/UFSC), mediante a análise para aprovação de um questionário para realização de uma pesquisa com mulheres portadoras de deficiências.

Em outro texto Mello (2019) apresentou um resumo de como foi organizada e como aconteceu a manifestação da *hashtag* #écapacitismoquando e, a partir da análise de como foi definido o tema da mobilização, lembrando seu primeiro contato com o termo capacitismo, ela concluiu que o Movimento *Queer* é

completamente relacionado ao movimento Anti-Capacitista, pois ambas as discriminações são por existirem em seus corpos. Ela também salienta que a luta contra as opressões sociais tem que ser unificadas, pois todas estão relacionadas.

Vendramin (2019) trouxe a discussão da corponormatividade, onde existe um ideal de corpo a ser seguido e todos os que não se encaixam nos padrões são marginalizados. E refletiu também sobre a nossa conduta em uma sociedade Capacitista e como devemos reproduzir vários preconceitos sem nem perceber, por isso é importante repensar nossos hábitos.

Francine de Souza Dias (2020) realizou uma reflexão sobre o período de pandemia, defendendo que a doença escancarou o capacitismo de nossa sociedade e maximizou as desigualdades sociais. Contudo, mesmo com o cenário desanimador, ela prefere acreditar que, com luta, sairemos desta situação uma sociedade melhor.

Retomando o objetivo com o levantamento bibliográfico, essas são as discussões que a academia está produzindo acerca do termo Capacitismo.

A segunda parte do trabalho compreende a identificação e descrição dos perfis nas Mídias Sociais. A partir da observação dos conteúdos produzidos é possível afirmar que existe um grande engajamento nas Mídias Sociais para elucidar e propagar o termo “Capacitismo”. O mais importante nesse movimento é o alcance que esse material tem, alcance este muito maior do que os textos acadêmicos publicados. A internet é um espaço muito democrático, o que faz com que os conhecimentos compartilhados nela cheguem a mais pessoas.

A internet chegou e revolucionou o cenário da produção acadêmica, agora as Mídias Sociais chegaram para transformar propagação de conhecimento.

É importante a ocupação deste espaço de fala pelos influenciadores observados, porém não podemos deixar de questionar os motivos desta manifestação ser feita de maneira independente.

Os espaços em geral ainda são muito excludentes para as Pessoas com Deficiência. O ingresso e permanência deste público nas Universidades ainda é muito pequeno se relacionado ao panorama geral de alunos das instituições, isso dificulta o acesso a espaços acadêmicos para que estas pessoas possam pesquisar sobre a sua realidade.

Além das dificuldades no meio acadêmico, as Mídias Tradicionais também não dão espaço para as PCDs. As grandes mídias de rádio e televisão ainda são

dominadas por estigmas preconceituosos e acabam não dando espaço para pessoas com deficiência, seja na produção ou na atuação. Ainda pior do que não dar espaço e não tratar sobre assuntos da temática PCD, é escrever histórias sobre pessoas com deficiência e contratar pessoas sem deficiência para fazer o papel.

A sociedade ainda tem que evoluir muito na discussão do capacitismo e assumir um compromisso com a causa, pois só assim será possível construir uma realidade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

ABLEISM. In: **Collins English Dictionary**. Glasgow: HarperCollins Publishers Limited, 2020. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/ableism>.

ALVINO, André. **Estado de Exceção**: risco democrático. JusBrasil. 2019. Disponível em: <https://andrealvino.jusbrasil.com.br/artigos/643266529/estado-de-excecao>.

ARAUJO, Luiz Alberto David; COSTA FILHO, Waldir Macieira da. O ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA - EPCD (LEI 13.146, DE 06.07.2015): ALGUMAS NOVIDADES. **Revista dos Tribunais**, Online, v. 962, p. 65-80, dez. 2015. Disponível em: <https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/File/Marina/deficiencia6.pdf>.

BIANCHETTI, Lucídio; CORREIA, José Alberto. Aspectos Históricos da Apreensão e da Educação dos Considerados Deficientes. In: BIANCHETTI, Lucídio; CORREIA, José Alberto. **In/exclusão no trabalho e na educação**: aspectos mitológicos, históricos e conceituais. Campinas: Papyrus Editora, 2020. p. 81-110.

BRASIL. **Lei Federal nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

CLEMENTI, Juliana Augusto; SANTOS, Fernanda dos; FREIRE, Patricia de Sá; BASTOS, Lia Caetano. Mídias Sociais e Redes Sociais: Conceitos e Características. In: Seminário Universidades Corporativas e Escolas de Governo (SUCEG), 1., 2017, Florianópolis. **Anais**. p. 455-466. Disponível em: <file:///C:/Users/beatr/Downloads/80-SUCEG%20-%20Artigos-185-1-10-20171205.pdf>

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Sedpcd/diversitas/usp

Legal, 2013. p. 1-14. Disponível em:
http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/ebook/Textos/Adriana_Dias.pdf.

DIAS, Francine de Souza. Covid(a) no Capacitismo nosso de cada dia. In: MENDES, Amanda; VINAGRE, Ana Beatriz; AMORIM, Annibal; CHAVEIRO, Eguimar; MACHADO, Katia; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de; GERTNER, Sonia (org.). **Diálogos sobre acessibilidade, inclusão e distanciamento social: territórios existenciais na pandemia**. Ideiasus/fiocruz, 2020. p. 51-54. Disponível em:
https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42296/2/Livro_Dialogos_sobre_Acessibilidade_Inclusao_e_Distanciamento_Social_1ed.pdf#page=54.

DINIZ, Debora; SANTOS, Wederson. Deficiência e Direitos Humanos: desafios e respostas à discriminação. In: DINIZ, Debora; SANTOS, Wederson (org.). **Deficiência e Discriminação**. Brasília: Letras Livres, 2010. p. 09-17.

FERREIRA, Marina dos Santos Bragine. Mídias sociais como ferramenta de comunicação para fortalecimento de marcas e organizações. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 13, n. 6, p. 141-150, jun. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/34841>.

HASHTAG: o que significa e como usá-la na sua estratégia de Marketing Digital. **Resultados Digitais**, 2020. Disponível em:
<https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/>.

HAWK. **Hawk**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UCh9w9FswRanQw2hHMlt2tw>.

ISAAC, Gabriel. **Isflocos**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/user/gabrieleandrea>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos; pesquisa bibliográfica, projeto e relatório; publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1992.

MARCO, Victor Di. 2020. Instagram: @victordimarco. Disponível em: <https://www.instagram.com/victordimarco/?hl=pt-br>.

MARTINS, Alessandra. 2020. Instagram: @blogueirapcd. Disponível em: <https://www.instagram.com/blogueirapcd/?hl=pt-br>.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do comitê de ética em pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, 21 out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>.

MELLO, Anahi Guedes de. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #écapacitismoquando no facebook. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (org.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 125-142.

MELLO, Anahi Guedes de; FERNANDES, Felipe; GROSS, Miriam Pillar. Entre Pesquisar e Militar: engajamento político e construção da teoria feminista no Brasil. **Ártemis**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 10-29, jan/jun 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16635>.

MONIZ, Ana Clara. 2020. Instagram: @_anaclarabm. Disponível em: https://www.instagram.com/_anaclarabm/?hl=pt-br.

PACHECO, Kátia Monteiro de Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 242-248, dez. 2007. Trimestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102875>.

PETRY, Marcos. **Diário de um autista**. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCbhT_vtlwr7X2wG6q_0mWVQ.

PICCOLO, Gustavo Martins; MENDES, Enicéia Gonçalves. Nas pegadas da história: tracejando relações entre deficiência e sociedade. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 29-42, jan/abril 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4611/3091>.

PIRES, Raphael. **Aprenda a usar mídias digitais e mídias tradicionais em suas campanhas**. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/midia-online-vs-midia-tradicional/>.

SILVA, Lorrane. 2020. Instagram: @pequenalo. Disponível em: https://www.instagram.com/_pequenalo/?hl=pt-br.

SIQUEIRA, Denise; DORNELLES, Tarso Germany; ASSUNÇÃO, Sabrina Mangrich de. Experienciando Capacitismo: a vivência de três pessoas com deficiência. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (org.). **Estudos da Deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: Editora Crv, 2020. p. 145-161.

TORQUATO, Mariana. **Vai uma mãozinha aí?** Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCIcatj2SigXMkIFrqQtnA-Q>.

VENDRAMIN, Carla. Repensando Mitos Contemporâneos: O Capacitismo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS - SOFIA: ENTRE O SABER E O NÃO SABER NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS, 3., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Comissão Editorial, 2019. p. 16-25. Disponível em: file:///C:/Users/beatr/Downloads/4389-12010-1-SM%20(1).pdf.